

Ucrânia negocia com Putin, que faz ameaça nuclear

DIANTE DO AUMENTO DAS SANÇÕES ECONÔMICAS AO SEU PAÍS E DO REFORÇO DA AJUDA MILITAR À UCRÂNIA, VLADIMIR PUTIN MANDA COLOCAR O ARSENAL NUCLEAR DO PAÍS DE PRONTIDÃO. KIEV ACEITA INICIAR NEGOCIAÇÃO PARA UM CESSAR-FOGO

Armas e dinheiro para a resistência

de VINICIUS DORIA
Especial para o Correio

Na madrugada de sábado para domingo foi difícil dormir em Kiev. A população, assustada com a escalada dos combates contra o Exército russo nas ruas e temendo um ataque aéreo em massa sobre a capital, buscou refúgio nos muitos bunkers que estão abertos, principalmente em estações do metrô. O ataque avassalador não veio e, pela manhã, algumas pessoas se arriaram a sair dos abrigos.

Olena Vasyliaka, de 50 anos, aproveitou a calma matinal para pegar alguns mantimentos no apartamento dela. "Moramos no último andar e não vou ficar lá em cima com as crianças", disse ela, justificando a decisão de se mudar para o bunker. O marido dela está em combate.

Em um parquinho próximo, Flora Stepanova, 41 anos, fumava um cigarro. Os olhos vermelhos denunciavam a noite não dormida. "Claro que é um pouco perigoso, mas acho que, se você tiver cuidado e olhar em volta, é mais seguro do que ficar o dia todo na frente da televisão, porque você enlouquece", lamentou. Atrás dela, um carro de combate ucraniano mantinha posição de defesa.

Os moradores das principais cidades ucranianas estão sendo orientados a manter desligada a função de localização dos celulares e a cobrir nomes de ruas e avenidas. Outra recomendação é para que evitem conversar com estranhos. A suspeita é que agentes russos estejam infiltrados entre a população civil.

Mas a aparente tranquilidade da manhã invernal em algumas áreas de Kiev (a temperatura mal passa de 0°C) contrastou com os duros combates travados em Kharkiv, a segunda maior cidade ucraniana, a quase 500km a Nordeste da capital, com 1,4 milhão de habitantes, perto da fronteira com a Rússia. As forças do governo informaram que repeliram uma forte tentativa de tomada da cidade pelos russos, mas as batalhas foram sangrentas e deixaram mortos e feridos dos dois lados. "Kharkiv está sob nosso controle total", escreveu o governador local Oleg Sineghorov, em redes sociais. Mas poucos se arriaram a sair dos abrigos, sequer para fumar um cigarro em algum parquinho. A cidade parece fantasma.

A tentativa de tomada de Kharkiv começou com o avanço de blindados leves, no início da manhã. Jornalistas que estão na cidade relataram muitos combates nas ruas e tanques russos abandonados ou incendiados. E corpos no chão. Mas não há balanço confiável do número de vítimas.

O Exército ucraniano informou que matou mais de 4,3 mil soldados russos. Kiev lançou um site que permite que parentes de soldados russos mortos possam confirmar as perdas, enquanto Moscou mantém silêncio sobre suas baixas.

Enquanto os ucranianos seguem com o moral alto e conseguem passar para a opinião pública uma imagem simpática de resistência à invasão, Moscou segue



Blindado russo arde em avenida de Kharkiv, a segunda maior cidade da Ucrânia. Na frente, o corpo de um soldado morto, não identificado

a política de divulgar ameaças e poucas informações do front. Um dos raras comunicados de Moscou parecia confirmar a notícia de que Kharkiv resistiu mais uma noite. As tropas russas, segundo o Ministério de Defesa, cercaram duas grandes cidades no Sul, Kherson e Berdiansk, que têm 290 mil e 110 mil habitantes, respectivamente. A cidade de Genichesk e o aeródromo de Chernobayevka, de perto de Kherson, também foram controlados", informou o ministério russo. Nenhuma linha sobre Kiev e Kharkiv.

Ameaça nuclear

Diante das sanções à Rússia, que não namam de aumentar, o presidente do país, Vladimir Putin, decidiu subir o tom das ameaças. E sacou a pior delas: guerra nuclear. "Ordem ao ministro da Defesa e ao chefe do Estado-Maior que coloquem as forças de dissuasão do Exército russo em alerta especial de combate", disse Putin em uma reunião com comandantes militares. O ministro da Defesa, Sergei Shoigu, respondeu: "Afirmitivo". As forças de dissuasão incluem armamento nuclear.

Mas foi aberta uma fresta para negociação de um cessar-fogo. A Rússia vai mandar, provavelmente na manhã de hoje (hora da Ucrânia), uma delegação para se encontrar com negociadores de Volodymyr Zelensky que aceitou conversar, na fronteira com Belarus, aliada de Putin.

A resposta do Ocidente às ameaças do líder russo foi imediata: Os aliados europeus anunciaram medidas inéditas para financiar e entregar armamento às Forças Armadas ucranianas em larga escala, incluindo aviões de caça e veículos de artilharia. Pela primeira vez, a União Europeia vai fornecer armas

de alto poder de destruição para um país que não integra o bloco.

Decisão histórica

Para a Alemanha, a decisão marca a quebra de um tabu que vem desde a Segunda Guerra Mundial. Derrotada pela aliança entre EUA, Reino Unido e Rússia, a Alemanha sempre agiu com discrição em conflitos armados pelo mundo. Ontem, o chanceler Olaf Scholz anunciou, no Parlamento, a virada radical na postura do país nas políticas externa e de defesa alemãs. "Com a invasão da Ucrânia, agora nos encontramos em uma nova era.

Em poucas horas, o país revogou a proibição de exportar armas letais para zonas de conflito e anunciou que investirá, só neste ano, 100 bilhões de euros (quase US\$ 113 bilhões) nas Forças Armadas alemãs. A ameaça de Putin ajudada a construir o discurso para demarcar resistências políticas internas. Um investimento desse porte precisa da aprovação de mudanças na Constituição alemã.

Com reforço de armas e dinheiro, as tropas ucranianas ganham fôlego para enfrentar, em especial, uma longa guerra de guerrilha nas ruas das principais cidades. É o cenário traçado pelo cientista político e analista de inteligência Qualitativa da FGV Leonardo Paz Neves ao Correio. "Se os russos vierem a ocupar a Ucrânia de forma tradicional, vai ser um inferno. A Ucrânia tem parceiros riquíssimos, União Europeia e Estados Unidos, dispostos a entregar uma porção de coisas. O insurgente ucraniano, se quiser fugir para a Polônia ele foge, porque a Rússia não vai poder atacar a Polónia, que é da Otan. Do ponto de vista da guerra de guerrilha, a Ucrânia está na melhor situação, e Putin sabe disso. Sabe que vai encontrar um inimigo com amigos ricos



Manifestante é preso pela polícia em protesto em Moscou

e rotas de suprimento ilimitadas. Por isso, em algum momento, ele vai querer negociar, do jeito dele."

Gritos pela paz

A escalada das ações de guerra também estimularam os pacifistas a sair de casa. Em Berlim, foram cerca de 300 mil pessoas a pedir o fim da guerra, na avenida que leva ao Portal de Brandemburgo. Mas também houve manifestações pela paz e de apoio aos ucranianos em várias capitais europeias, em Washington e até em Moscou.

Só que, na capital russa, a repressão policial foi feroz. ONGs que atuam na defesa dos direitos humanos na Rússia dizem que mais de 2 mil pessoas foram presas. Em seu sermão dominical, o patriarca da poderosa Igreja Ortodoxa do país, Kirill, mostrou que está fechado com Putin e chamou os opositores de Moscou de "forças do mal". "Que Deus nos salve de a situação política atual na Ucrânia, país irmão que



Do ponto de vista da guerra de guerrilha, a Ucrânia está na melhor situação, e Putin sabe disso. Sabe que vai encontrar um inimigo com amigos ricos e rotas de suprimento ilimitadas. Vai ser um inferno"

Leonardo Paz Neves,
cientista político/FGV

Agência Tass é suspensa

A Aliança Europeia de Agências de Notícias (Eana, na sigla em inglês) anunciou "a suspensão imediata" da agência de notícias russa Tass, como consequência da "nova regulamentação aplicada pelo governo russo, que restringe de maneira muito severa a liberdade dos meios de comunicação".

A suspensão vai durar até que o Conselho de Administração da aliança vote o banimento da agência estatal. A direção da Eana considera que a Tass violou seu objetivo, conforme definido em seus estatutos, ao não fornecer informações imparciais, que é o núcleo da declaração da missão da Eana", acrescenta.

No sábado, o regulador russo de mídia, Roskomnadzor, ordenou que a imprensa nacional removesse todos os conteúdos que fizesses qualquer referência a civis mortos pelo Exército de Putin, e proibiu termos como "invasão", "ofensiva" e "declaração de guerra".

"Destacamos que apenas as fontes oficiais russas têm informações atualizadas e confiáveis", disse Roskomnadzor, em um comunicado. O governo russo chama oficialmente a intervenção na Ucrânia de "operação militar especial", cujo objetivo é a "manutenção da paz".

A advertência formal foi enviada a uma série de veículos de comunicação, a maioria crítica do poder russo, como o jornal Novaya Gazeta, cujo editor-chefe ganhou o Prêmio Nobel da Paz 2021, e canal online Dohd e o site Mediation, que já estão listados como "agentes estrangeiros" na Rússia.

Há um ano, a Rússia endeu recebeu consideravelmente os esforços para amoldar ou obstruir o trabalho da mídia independente, assim como os movimentos de oposição ao Kremlin.

BLOCO EUROPEU DECIDE BLOQUEAR TRANSAÇÕES FINANCEIRAS COM O BANCO CENTRAL DA RÚSSIA E FECHA O ESPAÇO AÉREO PARA AVIÕES DO PAÍS. ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS VAI SE PRONUNCIAR SOBRE INVASÃO

ONU e UE apertam o cerco

Dois movimentos da diplomacia internacional — nas Nações Unidas e na União Europeia (UE) — potencializam, ontem, a pressão para conter a sanha bélica do presidente russo, Vladimir Putin. Em Bruxelas, foi selado um acordo político para bloquear transações financeiras com o Banco Central da Rússia, anunciou o chefe da diplomacia europeia, Josep Borrell. Além disso, determinou-se o fechamento do espaço aéreo continental para aeronaves russas. Horas depois, em Nova York, o Conselho de Segurança da ONU convocou para hoje, "em sessão extraordinária de emergência", a Assembleia Geral, a fim de que seus 193 membros se pronunciam sobre a invasão à Ucrânia.

A iniciativa, promovida pelos Estados Unidos e pela Albânia, foi aprovada por 11 países, com o voto contrário da Rússia e a abstenção de China, Índia e Emirados Árabes. O regulamento das Nações Unidas, porém, não contempla o direito ao veto para recorrer a essa instância. A reunião, marcada para as 10h, deve se estender por todo o dia.

Com base em um procedimento estabelecido em 1950 e intitulado *A União pela Paz*, esse recurso, que representa um revés para a Rússia no cenário diplomático internacional, não pode ser vetado por nenhum dos cinco países membros do Conselho de Segurança. Recorrer à Assembleia Geral, o que aconteceu algumas vezes na história da ONU, permitirá que os países membros se posicionem sobre o conflito, entre os defensores da democracia e da soberania da Ucrânia e o apoio a Moscou.

Na Europa, a investida mirou, mais uma vez, os cofres de Moscou. Anunciada horas depois da exclusão de algumas instituições financeiras russas da plataforma Swift, o bloqueio das transações do Banco Central russo estava previsto para valer a partir de hoje, antes da abertura dos mercados. Segundo Borrell, atingirá mais da metade das reservas do banco. As demais medidas foram divulgadas pela presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen. "Nosso espaço aéreo estará fechado para todos os aviões russos, incluindo os jatos particulares dos oligarcas", disse ela, ressaltando ainda a desarticulação "da máquina de imprensa do Kremlin" na UE.

O bloco europeu também anunciou que adotará sanções contra o governo bielorrusso, por ter permitido que seu país fosse usado como



Manifestantes em Berlim pedem ação contra Putin, chamado de "assassino": protestos se multiplicam no continente

plataforma de lançamento da ofensiva russa contra a Ucrânia. O governo bielorrusso de Alexander Lukashenko "é cúmplice no ataque à Ucrânia", acusou Ursula.

Crise humanitária

Os países da UE também começaram a organizar a recepção das centenas de milhares de ucranianos que fogem da ofensiva iniciada pela Rússia, e discutiram a possível concessão de uma proteção temporária. Estima-se que em torno de 368 mil pessoas tenham deixado a Ucrânia nos últimos quatro dias, a metade delas em direção à Polónia. Os Estados membros da UE discutem uma resposta coordenada à essa crise humanitária. Também o Conselho de Segurança da ONU vai discutir hoje o tema.

Os ministros do Interior europeus exibiram uma "grande maioria" a favor da implementação de uma Diretiva de Proteção Temporária, aprovada em 2002, mas, na prática, nunca usada. Essa iniciativa contempla a concessão de um acolhimento temporário a refugiados de países vizinhos da UE e sua posterior distribuição entre os membros do bloco.

Os ucranianos com passaporte biométrico podem entrar no território da UE por um período de até três meses sem visto, mas o bloco quer definir uma ação ainda mais

ampla. A comissão europeia do Interior, Ylva Johansson, afirmou que este "é o momento certo" para implementar a diretiva.

A Bélgica foi um dos países que defenderam a sua implementação imediata. Ao chegar à reunião em Bruxelas, o ministro do Interior do país, Sammy Mahdi, defendeu a aplicação da diretiva para garantir proteção em nível continental. "Estamos em um momento histórico da UE", ressaltou.

Para que possa ser implementado, o mecanismo requer o voto de 15 dos 27 países-membros e que representem pelo menos 65% da população do bloco.

Ylva Johansson explicou que, neste momento, os ucranianos que entram no território europeu abrigam-se na casa de amigos ou familiares, e que apenas um "número limitado" deles apresenta um pedido de asilo. Johansson vai hoje até a fronteira entre Romênia e Ucrânia para verificar as principais necessidades dos refugiados.

As previsões são pessimistas. O comitê europeu para Gestão de Crises, o esloveno Janez Lenarčič, estima que a ofensiva militar iniciada pela Rússia na Ucrânia resultará em até quatro milhões de refugiados e provocará o deslocamento de mais de sete milhões de pessoas. "Estamos testemunhando o que pode se tornar a maior crise humanitária no continente europeu em muitos anos", assinalou.

Lenarčič destacou que "por causa dos combates, é muito



Refugiados na fronteira da Ucrânia com a Polónia: emergência

difícil fazer um levantamento sobre as necessidades" prioritárias da população civil. Ele mencionou que, segundo a ONU, cerca de 18 milhões de ucranianos serão afetados, do ponto de vista humanitário, seja dentro do território da Ucrânia seja em países vizinhos. "É de qualquer forma, embora sejam estimativas aproximadas, os números são altos e teremos que nos preparar para esses tipos de emergências", disse Lenarčič.

Em meio às ações políticas e diplomáticas, a população europeia intensifica os protestos contra a guerra, pedindo mais sanções contra Moscou e acusando o presidente russo, Vladimir Putin, de prática de crimes internacionais. O maior deles mobilizou, ontem, pelo menos 100 mil pessoas em Berlim.

Reunidos em frente ao Portão de Brandemburgo e ao Reichstag, prédio da Câmara dos Deputados, os manifestantes carregavam bandeiras em amarelo e azul, as cores nacionais da Ucrânia. "Pare o assassino", destacava um dos cartazes, em referência a Putin. A Alemanha abriga mais de 300 mil pessoas de origem, ou nacionalidade, ucraniana em seu território e também conta com uma grande diáspora russa, sobretudo, em Berlim.

Também houve protestos nos Estados Unidos. Com o agravamento da situação e o fechamento do espaço aéreo europeu para os russos, Washington pediu aos cidadãos americanos na Rússia que "considerem" deixar o país imediatamente.

Nova era na Alemanha

O chanceler alemão, Olaf Scholz, anunciou uma reviravolta nas políticas externa e de defesa do país, no momento em que a maior economia da Europa se vê forçada, após a invasão da Ucrânia pela Rússia, a abandonar décadas de relutância a aumentar seu perfil militar. Oprimida pela culpa durante o pós-Guerra, a Alemanha sempre se moveu de maneira discreta e silenciosa no plano mundial em relação aos conflitos. Mas, agora, o cenário mudou.

Em uma sessão parlamentar de emergência, Scholz enfatizou: "Com a invasão da Ucrânia, nós nos encontramos em uma nova era". Apenas algumas horas depois de Berlim revogar, repentinamente, sua proibição de exportar armas letais para zonas de conflito, anunciando grandes remessas para a Ucrânia, o chanceler revelou que, este ano, serão destinados 100 bilhões de euros (quase US\$ 113 bilhões de dólares) para investimentos na Bundeswehr, suas Forças Armadas.

O sucessor de Angela Merkel ressaltou, contudo, que um investimento dessa envergadura na área militar deverá estar devidamente endossado na Constituição alemã. Segundo ele, a maior economia da Europa investirá mais de 2% de seu Produto Interno Bruto (PIB) em defesa. Esse compromisso supera o percentual reivindicado pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), deixando para trás anos de aplicações vistas como insuficientes pelos aliados de Berlim.

As duras críticas lançadas pelo então presidente americano, Donald Trump, à Merkel pelo descumprimento alemão das metas da Otan dificultaram anos da relação transatlântica.

Agora, Scholz observou que a decisão do presidente Vladimir Putin deixou bem claro que a Alemanha deverá investir muito mais na segurança do país. "O objetivo é desenvolver um Exército poderoso, avançado e que nos proteja de uma maneira confiável".

Essa mudança de atitude é mais notável se levado em conta a composição do atual governo, que inclui os Verdes, sempre contrários à exportação de armas. "Se este é um mundo diferente, então nossa política também deve ser diferente", ressaltou a atual chefe da diplomacia, a "verde" Annalena Baerbock.

Por Luiz Recena

PODE SER O COMEÇO DO FIM DE PUTIN

Batizado de primeiro conflito armado da era das redes sociais, a guerra da Ucrânia pode começar a acabar de acordo com esse figurino: rápido, se houver mesmo um acordo de cessar fogo na reunião desta segunda-feira. O encontro entre as delegações russas e ucranianas, em Gornal, na fronteira entre a Ucrânia e a Bielorrússia, começa no fim da madrugada (horário de Brasília). Na segunda guerra mundial, "a hora antes do amanhecer" era um momento icônico para os pilotos britânicos da RAF: eles sabiam que muitos poderiam não voltar, o que só aumentava a tensão.

Não é o que se espera dessa reunião, afinal, a guerra já causou grandes estragos e uma escalada de sanções contra a Rússia em primeiro lugar e para a União Europeia em segundo, pois são esses países os principais parceiros de negócios com os russos. Os

problemas de pagamentos, via sistema financeiro Swift, não trazem prejuízos a ambos os lados. Acima de tudo isso, há as perdas de vidas, ainda não contabilizadas e fora de qualquer sistema de compensação.

O comitê europeu para Ajuda Humanitária e Gestão de Crises, Janez Lenarčič, afirmou que a Europa está diante da maior crise humanitária em muitos anos. "As necessidades crescem enquanto falamos", lamentou. A ocupação conjunta de organizações humanitárias e ONGs de todo o calibre, para as quais, o importante agora, é não deixar passar a oportunidade de tocar nos emperrados (e mesquinhos) corações europeus em relação a refugiados.

Quase 400 mil ucranianos passaram as fronteiras até o domingo. A metade pela Polónia, e outros pela República Tcheca,

Hungria, Romênia e Moldávia. Especialistas e correspondentes falam em 5 milhões de refugiados ao fim de tudo isso. Outros aumentam a cifra para 7 milhões, que, somados aos existentes, árabes e africanos, transformaria a essa na questão mais explosiva para a Europa depois da própria guerra. Nesse momento, no entanto, o conflito em si é o verdadeiro X do problema e a resolução dele é a prioridade maior. Até reunião os dois lados vão continuar a apontar as armas e dar tiros uns nos outros. Com inimigos dívidos. O assessor de Putin Vladimir Medinski disse que a Rússia está tão a fim que convocou a reunião. O ministro ucraniano de Negócios Estrangeiros, Dmytro Kuleba, afirmou que vai para ouvir e saber das propostas russas. O presidente Zelenski, que sente-se poderoso com apoio mundial de mídia, dinheiro e

coragem, finalmente, e garante que ainda existe e tem força. Vai sucupir a necessidades de armamento da Ucrânia. E cresce a lista de "primeiras vezes". A presidente da UE, Ursula von der Leyen, garante que todos os 27 países-membros do bloco e mais alguns chegados fecharão seus espaços aéreos, isolando a Rússia pelos ares. O alemão Olaf Scholz inaugura seu mandato quebrando um paradigma sempre preocupante, aquele do que pode fazer um alemão armado. Avisou que vai fornecer mísseis sting e lança-mísseis aos ucranianos. Mil de um e quinhentos de outro, para começar. A Alemanha tem quase 70% do gás que consome fornecido pela Rússia. Ainda não houve cortes, mas não se sabe como isso será pago, depois das sanções Swift e a suspensão de sete grandes bancos russos.

Menos um ponto para Putin no front interno. Quem opera o sistema financeiro de lá são jovens empresários pituitistas e com ética especial, muitas vezes duvidosa. A ponto de terem mais de

um terço dessa grana estocada em offshore mundo afora. Se descobrir a falta de dinheiro, a turma vai gritar e, talvez, reclamar das consequências das decisões do líder. O exército russo é comandado por oficiais jovens. Com carreiras pela frente e ambições por todos os lados. Ai moram perigos.

Na linha da primeira vez, uma fora da Europa: o velho aliado Cazaquistão, de maioria étnica russa, não declarou apoio nem mandou um cartucho. Sobre a vizinha Bielorrússia e seu dinossauro presidente Lukashenko. Está tão fechado com Putin que corre o risco de ser anexado o país dele. É tudo o que gostaria, mas muito pouco para Putin, um líder que dormiu sonhando ser Napoleão e está acordando na condição de maior pária russo dos tempos modernos. Essa pode ser outra "primeira vez". Nem os czares opressores, nem Lenin, nem o duro Stálin. Só Putin. Outro ponto para o menos.

Jornalista, foi correspondente internacional em Moscou e Paris

PRESIDENTE TECE ELOGIOS A PUTIN E DIZ QUE POSIÇÃO DE NEUTRALIDADE É PARA NÃO TRAZER PREJUÍZO ÀS TRANSAÇÕES COMERCIAIS COM A RÚSSIA. EMBAIXADOR BRASILEIRO NA ONU ATENUA DISCURSO CONTRA INVASÃO

Bolsonaro: Brasil permanecerá neutro

» TAISA MEDEIROS

O presidente da República, Jair Bolsonaro (PL), afirmou que o Brasil permanecerá neutro em relação ao conflito na Ucrânia. Em coletiva de imprensa, no fim da tarde de ontem, no Guarujá, onde passa o carnaval, ele ainda questionou: "Você quer que eu faça o que pra acabar com a guerra? Tudo que eu podia fazer eu já fiz e vou continuar fazendo", disparou. Bolsonaro contou que ele e o presidente russo, Vladimir Putin, conversaram por duas horas, ontem, por telefone.

Horas depois, a Assessoria de Imprensa do Gabinete do Ministérios das Relações Exteriores soltou uma nota desmentindo a informação. "A respeito do que foi tratado hoje (27/02/22), em entrevista coletiva no Forte dos Andradás — Guarujá/SP, cumpre esclarecer que, em nenhum momento, o presidente Jair Bolsonaro afirmou ter conversado ao telefone com o Presidente da Rússia, Vladimir Putin, neste domingo. A fala do presidente do Brasil refere-se à conversa reservada que os dois líderes tiveram, no dia 16/02/22, em Moscou — Rússia, durante a visita oficial daquele país", diz a nota. O próprio Bolsonaro se desmentiu por meio das redes sociais.

O presidente defendeu que uma postura mais forte do Brasil em relação ao confronto poderia agravar a fome e a miséria no país, por conta das relações comerciais com a Rússia. "No meu entender, nós não vamos tomar partido. Vamos continuar pela neutralidade e ajudar, na medida do possível, na busca por soluções. Eu vou esperar o relatório (da ONU) para ver como vai ser minha posição. Isso (uma posição mais crítica) pode trazer sérios prejuízos para a agricultura no Brasil", defendeu. "Não queremos trazer mais sofrimentos."

Ao ser questionado a respeito da conversa que teve com Putin, quando esteve na Rússia, Bolsonaro afirmou que não poderia dar mais detalhes, mas garantiu que foi um encontro descontraído. O presidente ainda teceu comentários elogiosos a Vladimir Putin. "Todas as vezes que conversei com o Putin foi uma conversa de altíssimo nível". Durante toda a entrevista, o chefe do Executivo brasileiro optou por não fazer nenhuma crítica ao presidente russo. Mas criticou o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky: "O povo confiou a um comandante os destinos da nação", frisou.

Reprodução/Rede Sociais



Na coletiva, Bolsonaro disse ter conversado com Putin ontem, por duas horas, mas, segundo Itamaraty, ele se referia ao encontro na Rússia

Bolsonaro disse, ainda, que é um "exagero falar em massacre" na Ucrânia. "Eu entendo que não há interesse por parte do líder russo de praticar um massacre. Ele está se empenhando em duas regiões do sul da Ucrânia que, em referência, mais de 90% da população quis se tornar independente, se aproximando da Rússia. Uma decisão minha pode trazer sérios prejuízos para o Brasil", reiterou.

Sobre as ameaças nucleares feitas por Putin, o presidente brasileiro definiu como uma "proposta nãomorta". "Não tem cabimento de negociar. Ninguém quer usar a pólvora, todo mundo prefere usar a saliva, mas você não sabe o que acontece do lado de lá", disse. "A maioria dos chefes do mundo pensam o que eu estou pensando: querem a solução do caso."

Em relação ao resgate dos cidadãos brasileiros que vivem na Ucrânia, o presidente voltou a dizer que as aeronaves de transporte tático/

logístico C-390 Millennium estão à disposição para uma possível invasão na Ucrânia. "Se tiver brasileiros, havendo vaga, eles entrarão nos nossos aviões. Eu não acredito que se bloqueie as fronteiras, porque é uma questão humanitária. Nenhum país quer expor vidas a uma guerra, ainda mais gente de fora."

Sessão extraordinária

Ontem, o embaixador brasileiro na ONU, Ronaldo Costa Filho, reafirmou, em reunião extraordinária, o voto do Brasil contrário à Rússia. O encontro determinou a convocação extraordinária da Assembleia Geral das Nações Unidas para hoje.

Costa Filho, porém, atenuou o discurso em relação ao da última sexta-feira, em que condenou veementemente a invasão à Ucrânia. Ontem, o embaixador alertou que sanções econômicas de Europa e EUA à Rússia mais o envio de armas para

a Ucrânia podem piorar a situação do conflito.

"O fornecimento de armas, o recurso a ciberataques e a aplicação de sanções seletivas, que podem afetar setores como fertilizantes e trigo, com forte risco de aumentar a fome, acamatar o risco de agravar e espalhar o conflito e não de resolvê-lo. Não podemos ignorar o fato de que essas medidas aumentam os riscos de um confronto mais amplo e direto entre a Otan e a Rússia."

O embaixador defendeu que o Conselho não exauriu os recursos para conter o avanço do conflito e contribuir para uma solução diplomática em direção à paz. Costa Filho ainda reiterou o pedido para que cessem as hostilidades e para que haja diálogo entre as partes envolvidas.

Apenas a Rússia foi contra a resolução aprovada para que ocorra uma Sessão de Emergência. Foram 11 votos a favor, um contra e três abstenções — China, Índia e Emirados Árabes Unidos.

» Ataque cibernético

O encarregado da Embaixada da Ucrânia no Brasil, Anatoliy Tkach, afirmou que o site da representação foi alvo de ataque cibernético da Rússia. "Nos quatro dias, as autoridades ucranianas, os bunkers, estão sofrendo ataques cibernéticos maciços. Também os nossos sites e e-mails não estão funcionando no momento. Não há previsão para retomada", disse, em coletiva.

Tkach reforçou pedido de ajuda humanitária à Ucrânia e disse que o melhor canal para doações é o Facebook da embaixada, onde está disponível o número de PIX para transferências.

80 brasileiros pedem ajuda

» ROSANA HESSEL

O Ministério das Relações Exteriores (MRE) informou, ontem, que enviou oito servidores para Varsóvia e que cerca de 80 brasileiros pediram ajuda para sair da Ucrânia após a invasão da Rússia e ir para países fronteiriços, sobretudo Polônia e Romênia, com o apoio da Embaixada do Brasil em Kiev.

De acordo com a chancelaria, cerca de outros 100 brasileiros, registrados na lista da embaixada brasileira em Kiev, permanecem em solo ucraniano. "A comunidade brasileira na Ucrânia, antes do conflito, era estimada em aproximadamente 500 pessoas", destacou.

A assessoria do Itamaraty também disse que o GT — Brasileiros na Ucrânia e a Embaixada em Kiev "seguem buscando localizar e contatar brasileiros ainda em território ucraniano, com o apoio da Embaixada em Varsóvia, com vistas a verificar a situação pessoal de todos, condições de segurança nos locais onde estão abrigados e possibilidade de eventual evacuação".

A Força Aérea Brasileira (FAB) colocou dois aviões de prontidão para o resgate dos brasileiros que quiserem retornar ao Brasil. O envio do pessoal de reforço a Varsóvia, de acordo com fontes do governo, tem como objetivo verificar e coordenar in loco a quantidade de brasileiros interessados em retornar ao país para, assim, efetuar ou não o deslocamento das aeronaves. A recomendação do MRE é que brasileiros próximos a fronteira entre Ucrânia e Polónia entrem em contato com o plantão do Itamaraty em Varsóvia, pelo número de telefone +48608094328.

Em meio ao aumento das tensões no Leste Europeu, no sábado, o presidente Jair Bolsonaro (PL), finalmente, decidiu ajudar os brasileiros que tentam sair da linha de fogo russo e disse que o governo "não deixaria nenhum brasileiro para trás". Ontem, no entanto, após passeio de lancha no litoral paulista, o chefe do Executivo voltou a apoiar a Rússia, na contramão dos países da União Europeia e dos EUA, os maiores parceiros comerciais brasileiros depois da China, dando novos sinais trocados da diplomacia brasileira.

Cidade de descendentes acompanha guerra com aflição

» BERNARDO LIMA
» GABRIELA CHABALGOITÝ

A espera por notícias de amigos e familiares que estão na Ucrânia é uma agonia comum entre moradores de Prudentópolis, no Paraná. A cidade abriga a maior comunidade ucraniana do Brasil — dos 52 mil habitantes, 75% são descendentes ucranianos. Há uma grande movimentação entre eles para conseguir se comunicar com os parentes que residem no país invadido pela Rússia e, também, lutar ao lado deles, mesmo que de longe.

Descendentes de ucranianos de Prudentópolis se mobilizaram, na quinta-feira, em apoio e solidariedade ao país. Os moradores fizeram questão de levar a bandeira da Ucrânia e utilizar elementos particulares da cultura. Houve, também, uma manifestação religiosa no local. Dom Mero Mázur, bispo greco-católico ucraniano brasileiro e primeiro eparca da Imaculada Conceição em Prudentópolis dos Ucranianos, e outros padres celebraram um momento de oração.

O dentista Giovanni Rodrigo Michalowski, descendente da quarta geração de ucranianos, contou ao Correio que está sendo passar por esse momento delicado em que país é atacado e assiste, de

Nelson Almeida/AFIP



Parte da população reza em igreja do município paranaense

longe, seus amigos buscarem refúgio ou irem para a linha de frente do conflito. Ele explicou que recebe notícias dos amigos pelas redes sociais, mas que não é frequente, visto que a maioria deles está fugindo para a Polónia, enquanto o resto se alistou para lutar na guerra.

"Os chês estão na rua lutando para defender Kiev. Tento não ir atrás de notícias com frequência, eles estão exaustos. É incrível a resistência desse povo, mas eles estão firmes e confiantes e sempre

frisam que nós, do Ocidente, podemos ajudar denunciando cada vez mais o crime da Rússia. Precisamos desmentir que os ucranianos querem fazer parte da Rússia. Precisamos desmentir que a Ucrânia é nazista. Nosso presidente é judeu e foi eleito por 70% da população. O nosso exército está ativo, firme e jamais vai largar as armas", assegurou.

Yana Onesko, de 52 anos, diz que é descendente de ucranianos e tem muito orgulho disso. A

Arquivo Pessoal



Moradores de Prudentópolis fizeram um ato, na quinta-feira

enfermeira, que mora em Prudentópolis, relata que não consegue se conter ao ver as notícias vindas da terra de seus antepassados: "Não dá para não chorar vendo as manchetes. Toda hora tem notícia de um novo ataque, bombas lançadas em área residencial, sem falar nos soldados. Eles também são pais, irmãos, filhos morrendo para defender sua terra, sua nação. Todos nós estamos sem chão", desabafou.

Para ela, a cultura ucraniana ensinada por seus pais é

essencial em sua formação como pessoa. "Nossos didos e babas (avós e avós) ucranianos se estabeleceram no interior do Brasil, principalmente no Paraná. Eles sempre nos ensinaram a falar a língua materna ucraniana, muitas palavras soltas que usamos até hoje entre família, como chamar tio de vukho e tia de tchotcha, a cantar, suas histórias. Ensinaram sobre a cultura, a religião, a fé e, também, sobre a culinária, sempre presente em nossas mesas."

No fim da conversa com o Correio, Yana concluiu: "A Rússia está tirando tudo deles, suas casas, suas vidas, suas famílias. Nosso coração dói, sangra junto com os deles, uma parte de nós também morre junto com as vítimas".

Mantendo a tradição

A secretária de Turismo da cidade, Cristiane Bolko Rossetim, também de origem ucraniana, contou que, pelo fato de a cidade abrigar uma quantidade considerável de descendentes do país do leste Europeu, soube preservar a cultura, a religiosidade e, principalmente, a língua e os costumes. "A igreja foi um fator determinante. Aqui, a cultura é preservada na língua e no trabalho dos padres, religiosas e catequistas, que ensinam a língua e as tradições trazidas pelos imigrantes".

Ela contou, ainda, que o município tem um acordo de cidade irmã com Ternopil, na Ucrânia, cidade de onde vem a maioria dos ucranianos de Prudentópolis. No município, a língua ucraniana se tornou oficial neste ano. Além do português, ela também pode ser utilizada em documentos e materiais diversos.

"Estagiários sob a supervisão de Sibile Negromonte

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Mundo **Página:** 2,3 e 4